

Um tributo para Aquino de Bragança

19-11-86

— pelo professor Haroub Othaman, do Instituto para Estudos de Desenvolvimento, da Universidade de Dar-Es-Salaam

O mais precioso bem do Homem é a vida. Ela só é dada ao homem uma vez e ele deve vivê-la para não lamentar os anos perdidos, para não conhecer a vergonha de um passado mesquinho. Deve vivê-la intensamente para no momento da morte, ser

nesso à educação, mas não há dúvidas que ele soube usar a educação para bons serviços. Desde cedo, tanto em Portugal como em França, Aquino foi dos que no exílio preparou e foi próprio a luta pela libertação e reconstrução do seu País. Aquino foi parte das lutas revo-

lucionárias. Ele foi um dos fundadores dos modernos movimentos de libertação nas colónias portuguesas, com Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Marcelino dos Santos e muitos outros.

Fundou o Conselho de Coordenação para os Movimentos Nacionalistas das Colónias Portuguesas — CONCEP. Isto permitiu-lhes, não só coordenar a luta contra o inimigo comum, como também ganhar a coesão e unidade dentro das fileiras. Isso ensinou-lhes também o internacionalismo.

Por muito tempo, Aquino de Bragança coordenou a actividade deste corpo com escritórios em Argel. Na altura da independência de Moçambique e de Angola, nos anos 70,

este país, o moçambicano estava envolvido há mais de 20 anos nesta luta dos povos africanos, lutarem eles próprios contra a dominação portuguesa.

Com a independência, Aquino de Bragança regressa ao País para construir um Moçambique novo. Ele prefere os duros assentos de madeira da academia, aos cómodos assentos ministeriais. Mas a sua vida não é a reclusão, o isolamento em quatro paredes de uma biblioteca. Ele via o seu trabalho na universidade como o culminar do seu itinerário de luta pela militância, pela unidade política com o trabalho intelectual. Para ele, o trabalho intelectual tornou-se num instrumento da revolução.

Apesar de não ter sido dos moçambicanos que viveram na Tanzânia, Aquino tinha um grande amor pelo nosso país e admiração pelo Mwalimu (Julius Nyerere). Um dos muitos projectos que ele procurava realizar era a história das relações entre a FRELIMO e a TANU. De facto, a sua última visita à Tanzânia estava relacionada com pesquisas nesse sentido.

Enquanto lamentamos a perda deste grande amigo e camarada, esperamos que os ideais por que lutava sejam alcançados, e que os elementos do engajamento, do radicalismo escotístico que ele tanto ajudou a plantar no nosso continente continuem a germinar.

E, finalmente, sobre Aquino, podemos dizer, como Rasual Gamzatov: Até a morte, o herói não desperdiça nenhum esforço que o poeta possa gastar no seu leilomotiv, porque a morte e a imortalidade erguem-se para deixar passar, através das suas portas, os heróis quando estes morrem.



Aquino de Bragança

capaz de dizer: toda a minha vida, todos os meus esforços foram dados à causa mais sublime em todo o mundo, a luta pela libertação da Humanidade.

QUAL o maior tributo que podemos render a Samora Machel, Aquino de Bragança e outros camaradas senão dizer que estas palavras com mais de cinco décadas, são inteiramente dedicadas a eles? Que melhor satisfação podemos ter, apesar de sentidos, senão saber que estes camaradas morreram por nós, pela Humanidade, pela nossa libertação e felicidade?

Aquino de Bragança foi um dos poucos moçambicanos que, durante o regime colonial, teve a sorte de

lucionárias. Ele foi um dos fundadores dos modernos movimentos de libertação nas colónias portuguesas, com Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Marcelino dos Santos e muitos outros.

Fundou o Conselho de Coordenação para os Movimentos Nacionalistas das Colónias Portuguesas — CONCEP. Isto permitiu-lhes, não só coordenar a luta contra o inimigo comum, como também ganhar a coesão e unidade dentro das fileiras. Isso ensinou-lhes também o internacionalismo.

Por muito tempo, Aquino de Bragança coordenou a actividade deste corpo com escritórios em Argel. Na altura da independência de Moçambique e de Angola, nos anos 70,